

ros, que entenderaõ, o podiaõ occultar; tão cego foy o seu engano, tão louco o seu dezatino! O lince penetra as fon. bras da noyte; a Aguia os rayos do Sol; o Sabio os segredos da Natureza: porèm o lince mais lince, a Aguia mais Aguia, o Sabio mais Sabio não descobre, o que encerra o peito do homem. Taõ escondido o pôs a Natureza, que atè para elle he segredo. O coração, e as entranhas tem em deposito o melhor da vida; e muitas vezes tem em si ao mesmo Deos. O peito limpo, e as entranhas puras, facilmente se penetrão. No peito limpo descansa Deos. Canção-se muitos, porque Deos descansa; e daz agradecidos o arrojaõ de seu peito. Que ventura! Que sirva o peito do que serve o Ceo! Que desgraça! Que sirva de inferno, o que serve de Ceo! Hade estreitar-se o peito, para o mundo, que com isso se dilatara para Deos.

CONSIDERAÇÃO

Sobre o Problema CCLI.

Porque he o coração principio da vida?

A melhor cousa que o homem tem he a vida : e o melhor da vida , he o coração. Não o pòde ter bom , homem , que tem mà vida. Não he muito que os homens vivão com vida natural , que essa he a vida , com que os brutos vivem : outra melhor , e mais alta vida devem procurar os homens , para se differencarem dos brutos. Vive o corpo com a vida do coração ; vive o espirito com a vida da alma. Esta vida he eterna , aquella vida se acaba. Demos alguma cousa do eterno ao nosso coração , já que elle tanto nos dà do temporal. Viver para morrer , mais he morrer , que viver. Morrer para viver , mais he viver , que morrer. A vida , que nos dà o coração , mais he morte , que vida. A morte que dezeja o
 espiri-

espirito, mais he vida, que morte. Morra o coração, para que o espirito viva. Não pôde ser a morte larga em vida tão breve, quando alcançamos larga vida por tão breve morte. Se vive o justo, quando morre, porque morre, quando vive? Morre o peccador, quando morre, porque quando vive, morre. Não há coufa, como morrer para viver.

CONSIDERAÇÃO

Sobre o Problema CCLIX.

Porque são cobardes os animaes de grande coração, e atrevidos, os que o tem pequeno?

Nem tudo, o que he grande, he o melhor, ainda que sempre o grande he grande. Huma corpulencia, sendo grande, avulta; e não porque avulta, he grande. Os homens, que são muito grandes, nem por isso são grandes homens. O valor, e o engenho, não são quantidade, são qualidade; e se unem

no coração pequeno, no grande se repartem. Se o muito se reparte, he menos, se o pouco está unido, he muito. Se a virtude natural faz do pequeno grande, que não fará grande a verdadeira virtude? Tanto valor infunde, que se atreve a escalar o Ceo, e o consegue. Quem teme a Deos, não teme as outras couzas. O coração, que para o mal he cobarde, he valente; e o que para o bem não he valente, he cobarde. Ainda que seja pequeno, fará grande, se emprende couzas grandes. A virtude he a mayor, e a virtude mais segura a todo o coração, he o não se apartar já mais da virtude.

CONSIDERAÇÃO

Sobre o Problema CCLXXX.

Porque os manjares dezuzados são nocivos ao estomago?

O violento he danozo, e não dura; e sempre o que he dezuzado he violento. A Natureza não se agrada, do
que

que não recebe, e abraça com carinho. O costume he outra Natureza, e contra o costume he a novidade. Menos faz a violencia, que a novidade. Tão danoza he a novidade nas Republicas, como no estomago. Mais se hade trabalhar em desterrar as novidades, que em estabelecer Leys. Não hà Ley segura da novidade. Muitas leys relaxaõ, e muitas novidades destroem. A Monarquia, que admittir muitas não terà muita duraçaõ. Com menos Leys, porque hà poucas novidades, estaõ ricas, e poderozas muitas Republicas estrangeiras. Quanto se manda para o estomago, passa pela garganta. O estomago da prata, e ouro de Hespanha saõ as Monarquias Estrangeiras; e não fazem estes metaes impressaõ na nossa garganta, porque nella se não detem. As novidades de tal forte relaxaõ o nosso estomago, que de si expelle, tudo o que lhe mandão. Facil he o remedio; porèm não se uza delle, por ser facil.

CON-

CONSIDERAÇÃO

Sobre o Problema CCLXXXIX.

Porque he proveitozo o vomito?
 A vexação, que padece o estomago, se abate com o vomito; porque deixa temperado o calor natural, e com elle tambem os mais humores. Para a alma não ha faude mais segura, que o vomito da confissão; pois livra ao espirito da vexação, que padece. Hade ser vomito, que limpe totalmente, para que se tempere o calor das virtudes. O que vomita, senão lança tudo, mais enferma, do que fara. A confissão, que não he de tudo, mais he confuzão, que confissão. Não ha mayor, nem menor remedio, nem mais perigoza enfermidade, que a confissão. Se he mà, enferma, e dana; se he boa, fara, e cura. O' que desgraça, enfermar com o remedio! e sendo este tão facil, muitos o fazem difficultozo. Enferma o corpo, e tudo he procurar remedios

medios para o restituir à saúde ; enferma a alma, e remedio tão facil como o da confissão, não se busca. Pouco nos deve espirito tão nobre, pois todo o cuidado pomos na saúde do corpo. O que de tão grande remedio senão aproveita para os seus males, não quer para elles tão facil remedio. Sabe a Garça, que o seu inimigo a hade render, e matar, e para livre, e ligeiramente voar, vomita. Para voar, e vencer não ha cousa como o vomito da confissão. Queira Deos, não seja alguma voz como a do cão; porque frustaremos a efficacia de remedio tão proveitozo.

CONSIDERAÇÃO

Sobre o Problema CCXCIV.

Porque choraõ alguns lagrimas de sangue?

São os olhos as janellas, em que apparecem os affectos do coração. Olhos, que nascerão para viver no mundo, sempre havião de chorar lagrymas de sangue.

Naõ

Não ha thezouro mais rico, que o choro, se sahe contrito dos mineraes do coração. Verdadeiramente são as lagrymas perolas preziozas, se as derrama o verdadeiro sentimento. He pena, que se derramem, e que não as derrame a dor! Nesta vida não ha cousa, que menos valha, nem que mais valha, que as lagrimas. Que más, e que vãos são as que recolhe o mundo; e que ricas, e preziozas, as que o Ceo recolhe! Não ha maior mal, que o que entra pelos olhos; nem ha mais bem, que o que sahe por elles, se as lagrimas sahem bem. Por elles nos entra o veneno, e por elles sahe a triaga. Elles são todo o nosso dâno, e todo o nosso remedio. Chorão sangue pela violenta oppressão; e Deos somente pede que choremos. Não hà gosto mais perfeito, que o das lagrymas; nem mayor alegria, que a do choro. Com o do peccador se alegra o Ceo, e folgão os Anjos. Heraelito, e Democrito, ambos riam, e ambos choravaõ; porque o choro de hum, era o rizo do
 outro.

outro. Todos assim haviamos de fazer; e chorar dos que se rim, se se rim dos que choraõ. Muitos choraõ quando se riem, e he final o choro, de que foy grande o rizo. Tudo acaba; o rizo, e o choro; o rizo fenece em choro, o choro em rizo. Mais vale chorar para rir, que rir para chorar. Muito rizo nos espera a custa de pouco choro, e muito choro por causa de pouco rizo.

CONSIDERAÇÃO

Sobre o Problema CCC.

Porque sendo o sangue natural; quando he muito, suffoca?

O muito não he o melhor, ainda que ha muito bom. Tudo fez Deos com pezo, e medida; e tudo desfazem os homens. Das affliçoens dos pobres provem alegrias aos ricos. Não ha mayor tristeza para hum rico, que ver alegre o pobre. Muitas vezes se affoga o Uffo com o muito mel, que come. Encontra o remedio

dio donde fez o damno. Expondo livremente a garganta aberta, para que as Abelhas a piquem. Não ha medicina mais venturosa, que a que offerece a mesma enfermidade. Não se affogarão tantos ricos, se se dezaforão com os pobres. Todas as oppressões das Republicas nascem, de q̄tênhão poucos muito, e muitos nada. Mais importa, que tenham muitos pouco, que não, que poucos tenham muito. O bem de huns, he mal de outros. Este sómente he o mal, que não vem por bem, e nada nos vem bem, se não este mal. Tudo são oppressões, e o peor he, que os pobres se sangrão, porque tenham os ricos dezafo. Sangrem a estes q̄ affogão tudo, e assim terá dezafo tudo.

CONSIDERAÇÃO

Sobre o Problema CCCXVIII.

Porque tem pouca saude os que dormem muito?

Ainda que o sono he imagem da morte,

te, não se lembra muito da morte, quem muito dorme. O dormir he para descanso, e muitos fazem do descanso vicio. Não ha cousa q̄ mais destempere a harmonia do corpo, como o muito sono. Não vive o que dorme, ainda que vive todo o tempo, que dorme; e pois sem dormir não podemos viver, não vivemos muito, porque dormimos muito. Mais teremos de vida, se tivermos menos de sono. Nem o morto sente, nem o que dorme. Passa-se o sono, sem se sentir, e do mesmo modo a vida, e por isso a vida he sono, e morte esta vida. Para vingar os agravos do sono, devemos considerar, que a vida he sono; e já que nos entregamos ao sono para dormir, não seja de modo, que durmamos para sempre.

CONSIDERAÇÃO

Sobre o Problema CCCXXIX.

Porque reduzindo-se tudo o que he terra a terra, o ouro, e prata sendo

ter

terra, se não reduzem a terra?

Não se reduz o homem facilmente a terra, se considerar, que he terra. Não devem o ouro, e a prata ao Sol, o que deve o homem ao seu conhecimento. A virtude, e a santidade nos fazem de infinito valor. O ouro he area, e lodo a prata na presença do Sabio. A' vista do homem justo, que serão tão generozos metaes, se na presença do Sabio são tão vis? Somos formados da terra, e deixamos de ser Anjos, porque não deixamos de ser homens. O que caminha para a terra, se reduz a terra; o que caminha para o Ceo, deixa de ser terra. Se o crisol da tribulação acha que o homem he terra, o faz escoria; se acha ouro, o purifica. A virtude faz de barro mais nobre metal, que da terra o Sol. O ouro, ainda que se não reduz a terra, acaba; o homem, nem se acaba, nem se reduz a terra. Os Santos não tem corrupção; porque nada tem de terra; e por isso não pòde a terra entrar com elles.

CONSIDERAÇÃO

Sobre o Problema CCCXXXIII.

Porque o mesmo Ar accende a vela apagada, que ainda conserva o murrao, e apaga a que está acceza?

São huma casta de homens revestidos de Demonios, ou huma casta de Demonios em trage de homens os enredadores, chocalheiros, e lizongeiros. Inimigos são estes da natureza, peste das Republicas, contagio do Governo, veneno da amizade, e da virtude. Não hã odios, que não accendaõ, nem luzes, que não apaguem. Vivem da discordia, e com a concordia morrem. A sua mayor guerra he a paz; a sua melhor paz he a guerra. Fazem Genebra do governo mais acertado; Sinagoga, da Republica mais tanta; Demonios, de Anjos; e do Ceo, Inferno. Hum destes he mais prejudicial, que muitos Demonios, pois não fazem muitos Demonios, o que faz hum destes.

Douç

Dourão o mão, e desdourão o bém; ultrajaõ a verdade, e favorecem a mentira. Por elles se dezata a ira de Deos nas Cõmunidades, como os Gafanhotos pelos campos. Assim tala a fama, e reputação esta gente vil, como os Gafanhotos as feras. Tudo, o que he bom, apagaõ; e se acazo accendem, sómente he fogo, em que todos se abrazão. Esta gente he a peor, que hà no mundo, e ainda he mayor mal, não os podermos lançar delle. O certo he que o mundo se acaba, porque não se acaba esta gente.

CONSIDERAÇÃO
Sobre o Problema CCCLVIII.

Porque, quanto mais bebe o Hydro-pico, tem mais sede?

Não hà animal mais animal entre todos os animaes, que o homem. Nenhum bruto come, ainda que morra de fome, o que lhe hàde causar damno: e os homens morrem por comer, o que lhes

he prejudicial. Não fazem estranho à alma, o que devião fazer estranho ao corpo. Não ha Hydropezia mais pestilente, que a cobiça; pois o que tem, quer mais, tendo tanto. O que tudo quer para si, não quer que os outros tenham cousa alguma. Quanto tem o mar, e a terra não basta para saciar a hum cobiçozo. Tudo, quanto appetece he mão, e o mata; e por isso o appetece. Vive, e morre desgraçadamente; e assim como o ociozo tem duas mortes, e huma sepultura, tem o cobiçozo huma morte, e dous infernos. Que barbaridade! Condenar-se por ter muito, o que se pòde salvar por pouco.

CONSIDERAÇÃO

Sobre o Problema CCCLXXVI.

Porque abranda o Sol a cera, e endurece o barro?

O melhor, e o peor que hà no mundo, he a lingua; e o coração do homem he como a lingua. Nem melhor, se se abrandada;

da; nem peor, se se endurece. Muitos animaes crião ossos no coração; e alguns homens pedras. Homem, que não se abranda às supplicas, e miserias de outro, he pedra, não he homem. O Sol com o fogo dos seus rayos, abranda, e endurece; e o pobre com as suas lagrymas. O que endurece o fogo, se abranda com a agoa. Mão he o barro, que com a agoa se endurece. O metal mais duro despede a agoa com mayor violencia. Quem lança de si as lagrymas do pobre, he de metal, e sómente o fogo o hade derreter. A Onça reparte com os animaes delvalidos da preza, que toma. O homem he peor, que as feras. Porque imita della os mal, e não abraça o bem. Miseravel he o que se não lastima do miseravel. Pobre he o rico, que não soccorre ao pobre. O bem, que se faz ao pobre, se faz a Deos. Quem não quer bem ao pobre, nem aos outros quer bem. Homem, que queres de Deos, se a Deos não queres no pobre.

CONSIDERAÇAM

Sobre o Problema CCCLXIX.

Porque são venenozas as línguas das Serpentes, e dos cães danados?

Naõ hà quem faça mais bem, e mal, que a lingua: e por isso he o melhor, e o peor do mundo. Dà o que naõ tem, e tira o que naõ pòde. A mà he veneno; a boa triaga. Naõ pòde fer mais saudavel a triaga, que a lingua boa; nem mais mortifero o veneno, que a mà. Para se defenderem tem as Serpentes o veneno na lingua, e para offenderem o tem os homens. Morde hum cão danado, e damna-se o mordido. Morde a mà lingua do homem, e dana-se toda huma familia, sempre he mortal a ferida que faz. Muitos padecem a fascinação, porque alguns a tem nos olhos; com tudo não fazem damno os olhos, que não tem este mal. Naõ houve homem até agora, que tivesse veneno na lingua; mas hà homens, que da lingua

gua derramão mais veneno, que os animaes venenozos. As Cegonhas não tem lingua; porque se a tiveraõ cõmunica- rião o veneno ao coração, e morreriãõ; pois trazem na boca Cobras, e Viboras. Ao maldizente chamaõ deslinguado, porque trata com veneno, e não mor- te. Nas partes do Norte hà homens de tão estranha compleiçaõ que se as Vi- boras, e Escorpioens os mordem, mor- rem estes bichos, por ser de mais effica- cia o veneno dos homens. Se os que mor- dem encontrarão com homens desta compleiçaõ, já não haveria maldizentes. Não se acabaõ, e assim mordem todos, para que tudo se acabe.

CONSIDERACAM

Sobre o Problema CCCLII.

Porque sendo a morte natural se sen- te com tanto horror?

Para não temer a morte, não hà reme- dio, como he o temella. Não a temerã, o que

o que a temer antes. Todos os dias morre o Sol, e não nos espanta o horror das trevas, porque o vemos em todos os dias. Não há passo, em que não encontremos a morte; e não a vemos, porque não discorremos, que os passos que damos, não de parar em morrer. Ao que sempre come cousas amargozas, lhe sabe o amargozo a doce. O mais amargozo da vida he a morte; e será doce, se sempre nella conciderarmos. He horror a infalibilidade da morte, e será a prazivel, se cuidarmos na sua infalibilidade. Se hade vir, e não sabemos, quando, esperando-a sempre, não nos cauzará susto, quando vier. Morrendo todos os dias, encontraremos o em que havemos de morrer. Se repartirmos bem as horas, não será fatal a nossa hora. Se os homens, como vivem, morrem, he preciso, atender, como vivem, para não temerem, quando morrerem. Há duas vidas, e não duas glorias; por isso devemos fugir às glorias desta vida, para encontrarmos

mos na morte a vida da gloria. E pois a morte não he pena, he remedio para taõ miseravel vida, abracemos a morte nesta vida, e encontraremos a melhor vida na feliz morte.

LAUS D E O.



INDICE
DO QUE SE CONTE'M
neste Livro.

- C**AP. I. dos Homens, pag. 1.
CAP. II. Das Mulheres, pag. 16.
CAP. III. Da Geraçãõ, pag. 20.
CAP. IV. Dos Monstros, pag. 22.
CAP. V. Dos Hermafroditas, pag. 24.
CAP. VI. Dos Abortos, pag. 26.
CAP. VII. Da Cabeça, pag. 28.
CAP. VIII. Dos Calvos, pag. 34.
CAP. IX. Dos Olhos, pag. 36.
CAP. X. Dos Narizes, pag. 47.
CAP. XI. Das Orelhas, pag. 51.
CAP. XII. Da Boca, pag. 55.
CAP. XIII. Dos Dentes, pag. 58.
CAP. XIV. Da Lingoa, pag. 60.
CAP. XV. Do Gosto, pag. 64.
CAP. XVI. Da Voz, pag. 65.
CAP. XVII. Do Pescoço, pag. 69.
CAP. XVIII. Dos Hombros, pag. 70.
CAP. XIX.

- CAP. XIX. Dos Braços, e Mãos, pag. 71.
 CAP. XX. Dos Peitos, pag. 76.
 CAP. XXI. Do Peito, pag. 77.
 CAP. XXII. Das Costas, pag. 79.
 CAP. XXIII. Do Coração, pag. 80.
 CAP. XXIV. Do Bofe, pag. 84.
 CAP. XXV. Do Estomago, pag. 85.
 CAP. XXVI. Do Sangue, pag. 93.
 CAP. XXVII. Do Fei, pag. 96.
 CAP. XXVIII. Do Bazo, pag. 97.
 CAP. XXIX. Do Fígado, pag. 99.
 CAP. XXX. Do Sono, pag. 100.
 CAP. XXXI. Da Terra, pag. 104.
 CAP. XXXII. Do Ar, pag. 108.
 CAP. XXXIII. Da Agoa, pag. 113.
 CAP. XXXIV. Do Fogo, pag. 118.
 CAP. XXXV. De varias conzas, pag. 121.

CONSIDERAÇOENS
 POLITICAS, E MORAES

Extrahidas de alguns dos Problemas
 antecedentes.

L I V R O II.

Problema I. Porque nasce o homem n. p. 132.
 Consideração XI. Porque se parecem os filhos

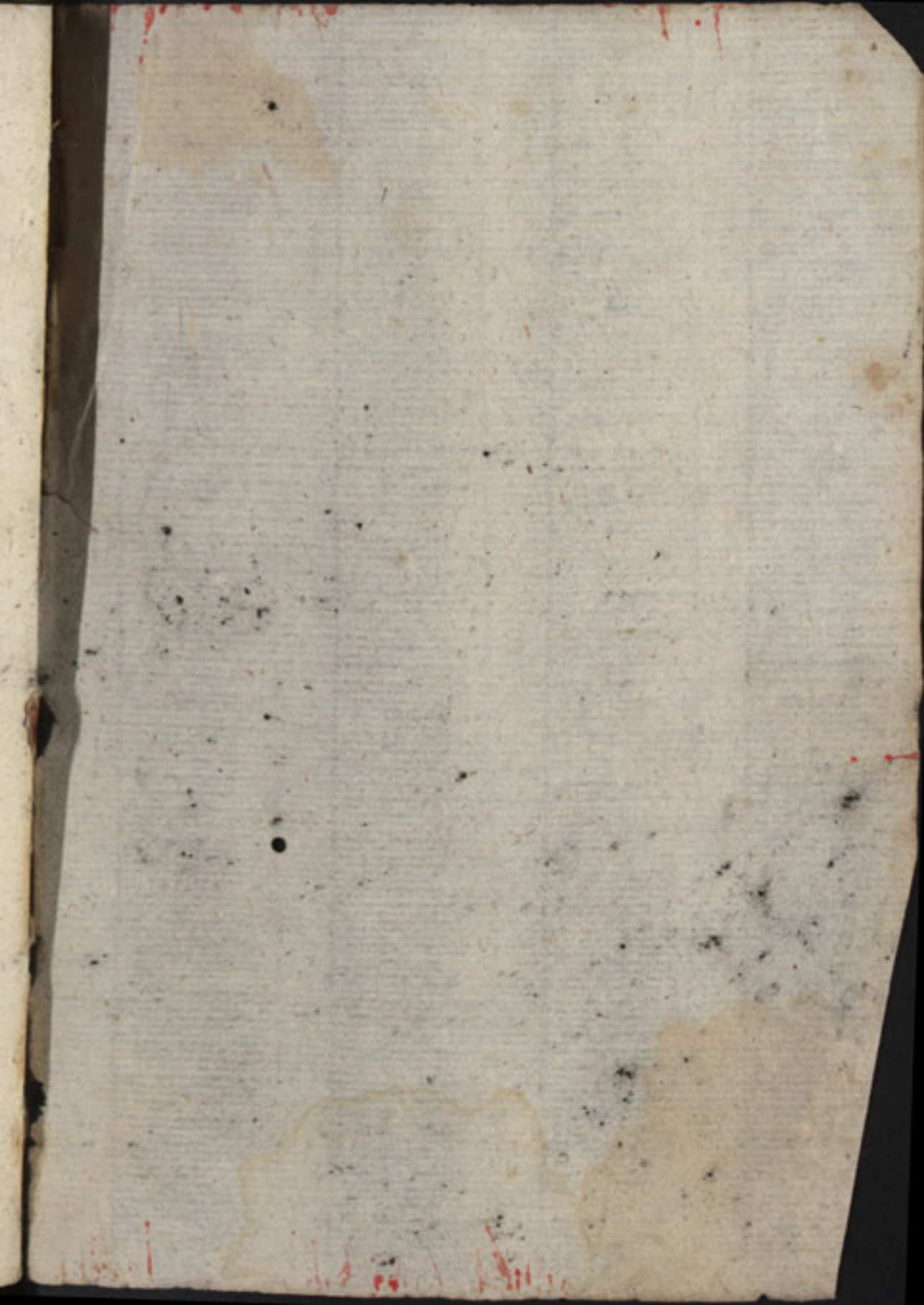
com

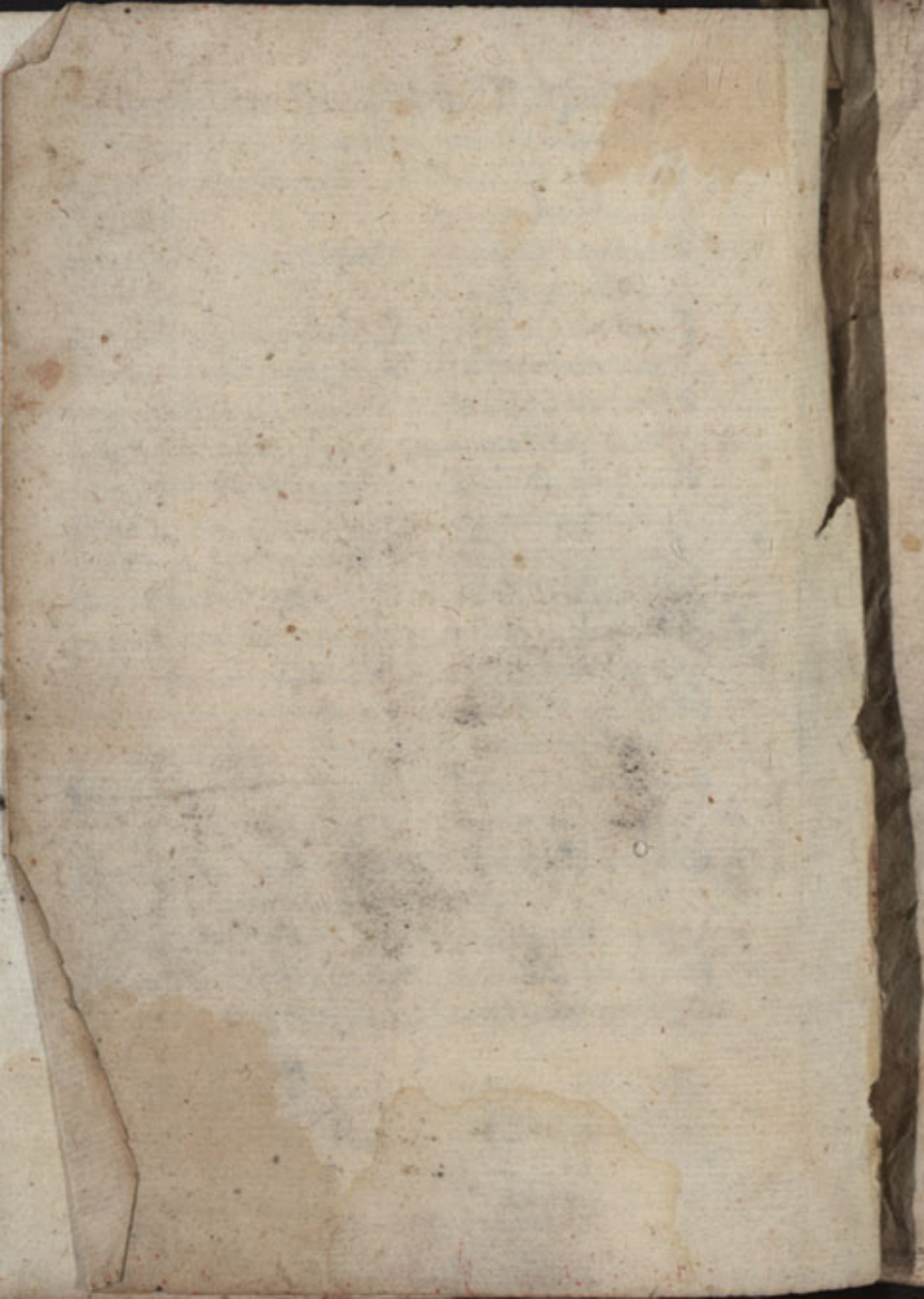
- com seus pays, pag. 135.
- Problema XVIII. Porque somente o homem tem o rosto para o Ceo, pag. 137.
- Problema XXIX. e XXX. Porque mata de repente hum pezar, ou hum grande gosto, p. 139.
- Problema XXXVII. Porque de noite se aggravaõ os males, e dores aos enfermos, pag. 140.
- Problema CI. Porque se erissaõ os cabellos aos que tem medo, ou horror, pag. 141.
- Problema CXII. Porque tendo muitos, claros, e serenos os olhos, não vem, pag. 143.
- Problema CXIX. Porque, o que viveo entre as trevas, se de repente vê muita luz, cega, p. 144.
- Problema CLIX. Porque não cheira bem a boca de alguns, pag. 145.
- Problema CXCII. Porque não gostamos do que he amargo, e dezabrido, tendo sabor, p. 146.
- Problema CCV. Porque gemem, e suspirão os que padecem dores, e os que tem algum pezar, pag. 148.
- Problema CCXXI. Porque são desiguaes os dedos das mãos, pag. 149.
- Problema CCXXXVII. Porque tem os homens o peito tão largo, pag. 151.
- Problema CCXI. Porque he o coração principio da vida, pag. 153.
- Problema CCLIX. Porque são cobardes os animos de grande coração, e atrevidos os que tem pequeno, pag. 154.

- Problema CCLXXX. Porque os manjares deze-
jados são nocivos ao estomago, pag. 254.*
- Problema CCLXXXIX. Porque he troveitozo
o vomito, pag. 157.*
- Problema CCXCIV. Porque choraõ lagrymas
de sangue, pag. 158.*
- Problema CCC. Porque, sendo o sangue natural,
quando he muito suffoca, pag. 160.*
- Problema CCCXVIII. Porque tem pouca sau-
de os que dormem muito, pag. 161.*
- Problema CCCXXIX. Porque reduzindo-se tu-
do, o que he terra, a terra, o ouro, e prata sen-
do terra, se não reduzem a terra, pag. 162.*
- Problema CCCXXXIII. Porque o mesmo Ar
accende a vela apagada, que ainda conserva o
murraõ, e apaga a que esta acceza, pag. 164.*
- Problema CCCLVIII. Porque, quanto mais be-
be o Hydropico, tem mais sede, pag. 365.*
- Problema CCCLXXVI. Porque abranda o Sol
a cera, e endurece o barro, pag. 366.*
- Problema CCCLXIX. Porque são venenozas as
lingoas das Serpentes, e dos cães danados,
pag. 368.*
- Problema CCCLIL. Porque, sendo a morte na-
tural, se sente com tanto horror, pag. 369.*

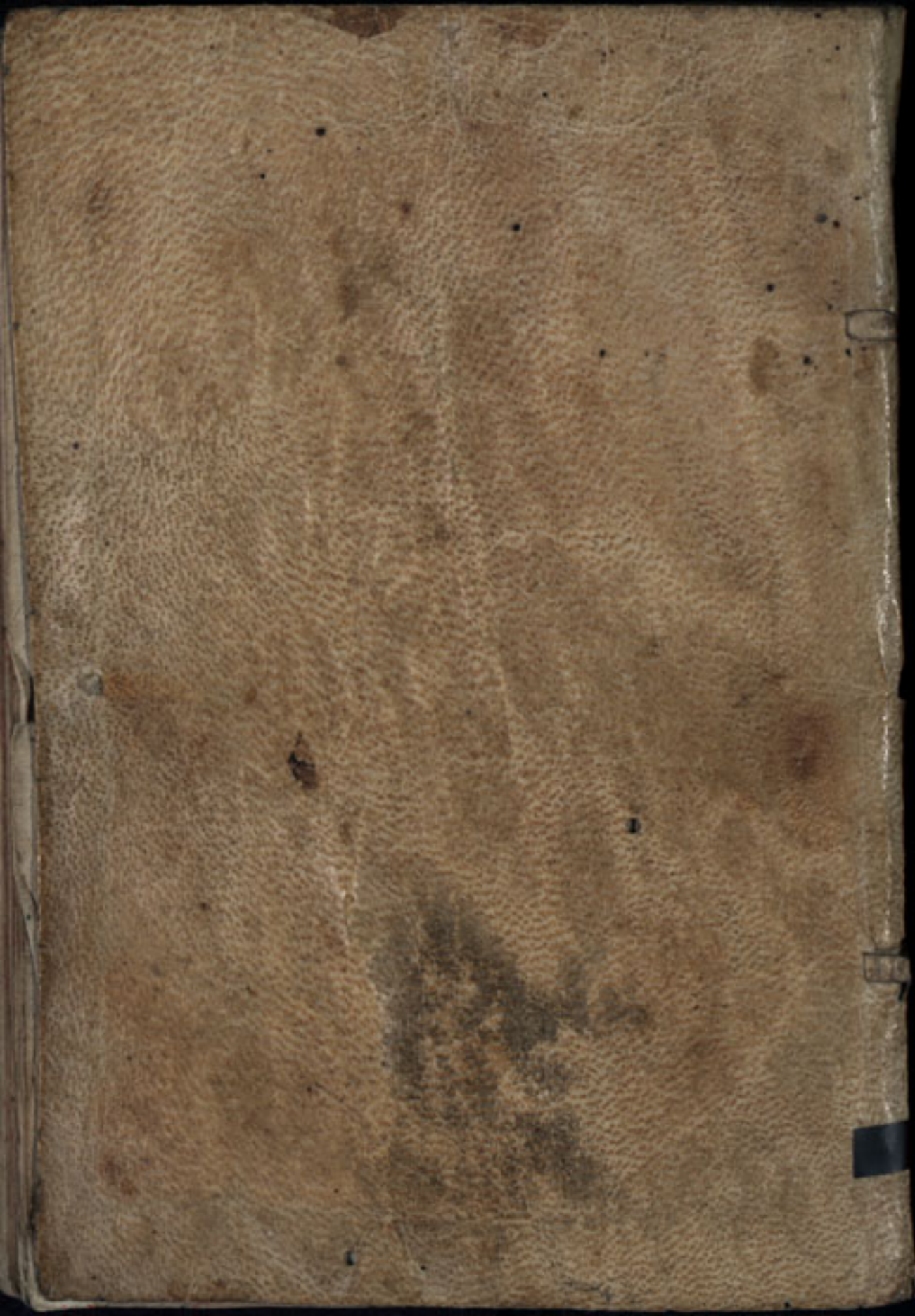
F I N I S.

Problem CCLXXV. ...
Problem CCLXXVI. ...
Problem CCLXXVII. ...
Problem CCLXXVIII. ...
Problem CCLXXIX. ...
Problem CCXXX. ...
Problem CCXXXI. ...
Problem CCXXXII. ...
Problem CCXXXIII. ...
Problem CCXXXIV. ...
Problem CCXXXV. ...
Problem CCXXXVI. ...
Problem CCXXXVII. ...
Problem CCXXXVIII. ...
Problem CCXXXIX. ...
Problem CCXL. ...
Problem CCXLI. ...
Problem CCXLII. ...
Problem CCXLIII. ...
Problem CCXLIV. ...
Problem CCXLV. ...
Problem CCXLVI. ...
Problem CCXLVII. ...
Problem CCXLVIII. ...
Problem CCXLIX. ...
Problem CCCL. ...









1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000